

LINGUAGENS DE PODER

Maria Aldina Marques
Sérgio Guimarães de Sousa
(Org.s)

SEPARATA

**“O PRESIDENTE É O FUSÍVEL DE
SEGURANÇA DO SISTEMA”.
DISCURSO DE COMEMORAÇÃO DE
MANDATO PRESIDENCIAL E DIÁLOGO
SUBSEQUENTE. CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* DE
PROXIMIDADE E DE AUTORIDADE**

Isabel Roboredo Seara



hnmis

LINGUAGENS DE PODER

Editores: Maria Aldina Marques e Sérgio Guimarães de Sousa

Edição: © Centro de Estudos Humanísticos
da Universidade do Minho (CEHUM)
<http://ceh.ilch.uminho.pt>
E-mail: ceh@ilch.uminho.pt

Capa: José Teixeira

Edições Húmus, Lda., 2019
Apartado 7081
4764-908 Ribeirão – V. N. Famalicão
Telef.: 926 375 305
humus@humus.com.pt

Impressão: Papelmunde
1ª edição: Novembro de 2019
Depósito Legal: 463637/19
ISBN: 978-989-755-430-8

A publicação é financiada pelo CEHUM (Centro de Estudos Humanísticos) da Universidade do Minho com verbas da FCT (Fundação para a Ciência e a Tecnologia).

“O PRESIDENTE É O FUSÍVEL DE SEGURANÇA DO SISTEMA”. DISCURSO DE COMEMORAÇÃO DE MANDATO PRESIDENCIAL É DIÁLOGO SUBSEQUENTE. CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* DE PROXIMIDADE E DE AUTORIDADE

Isabel Roboredo Seara*
irseara@gmail.com

Resumo

Fiel a uma tradição retórica clássica, o atual Presidente da República Portuguesa, Marcelo Rebelo de Sousa, baseou o seu discurso oficial, no momento de comemoração de dois anos do seu mandato, num ritmo binário que está em consonância, de resto, com o título do livro *Dois anos depois: júbilo e tragédia*, que lançou no mesmo dia, 9 de março de 2018, no Palácio de Belém, dia em que iniciou o terceiro ano de mandato presidencial.

O objetivo principal deste trabalho é analisar a construção da imagem de proximidade e de autoridade do locutor, no discurso oficial proferido nesse dia (duração 7 minutos) e nos quase 40 minutos subsequentes de respostas aos jornalistas, numa perspetiva marcadamente pragmático-discursiva. Assim, a análise assenta em pressupostos teóricos do campo da análise do discurso (Charaudeau, 2013, 2014; Maingueneau, 2005; Plantin, 2008; Amossy, 1999), nomeadamente da análise do discurso político (Marques, 2014).

Em sintonia com Marques (2014) que afirma que os discursos presidenciais permitem descortinar posturas políticas, antever posicionamentos ideológicos e confirmar a construção da autoridade presidencial, consideramos que os discursos em análise evidenciam “o que de bom e de dramático” se passou, mas sobretudo apresentam os cinco desafios que o Presidente elenca para o futuro do país, assumindo-se pessoalmente como “fusível de segurança do sistema”.

No diálogo com os jornalistas, o Presidente convoca uma dimensão pessoal, lembrando marcas autobiográficas, das suas vivências profissionais anteriores, que estão na base da construção de um *ethos* de proximidade e, simultaneamente, de autoridade.

Palavras-chave: discursos presidenciais; análise do discurso; *ethos* discursivo

* Universidade Aberta, CLUNL-NOVA / CEHUM.

*

1. INTRODUÇÃO

O texto “Argumentation et discours politique” de Ruth Amossy e Roselyne Koren, publicado na revista *Mots*, em 2010, inicia-se com uma pergunta que é central quer para a nossa investigação, quer para o tema deste congresso que evidencia centralidade do poder que perpassa toda a atividade verbal.

E a pergunta, que se reveste de enorme simplicidade, é a seguinte: “Peut-on analyser le discours politique sans tenir compte de l’argumentation?” (Amossy e Koren, 2010: 13).

Este estudo visa mostrar como a construção da credibilidade e do carisma do atual Presidente da República assenta na construção argumentativa binária, convocando argumentos quer de autoridade, quer de proximidade.

As questões que formulámos para definir o objetivo deste trabalho foram as seguintes:

- Quais as especificidades de um discurso presidencial de comemoração?
- Quais são as formas utilizadas pelo Presidente para construir a imagem de proximidade e de autoridade, neste discurso oficial?
- Qual a importância do debate político subsequente com os jornalistas e de que forma este está ao serviço da construção do *ethos*?
- Qual o papel das representações prévias do enunciador na construção do *ethos*?
- Por que razão se convoca a dimensão autobiográfica como argumento de credibilidade?
- Os *ethè* de proximidade e de autoridade estão ao serviço de que tipo de carisma?

Se nos servirmos dos 3 modelos de interação subscritos por Jean Mouchon, no artigo “La communication présidentielle en quête de modèle”, distinguimos claramente essas três formas. Primeiramente o modelo impositivo em que o mediador e o homem político são omnipresentes, e em que o público é praticamente ausente. O segundo modelo, designado *agora* e nesta configuração, o homem político é questionado não somente pelos jornalistas, nas também pelo cidadão comum que pode colocar questões, mas sem permissão para prosseguir o diálogo; e, por fim, o terceiro modelo que é um modelo interativo, caracterizado pela interação direta, contínua e prolongada do público com o Presidente.

Assistimos, com o Presidente Marcelo Rebelo de Sousa, quando comparado com os presidentes seus antecessores, a uma mudança inequívoca, quer

no relacionamento com os *media*, quer com o público e o povo, quer com os governantes, neste espírito interativo do terceiro modelo.

Recordamos a concepção de Charaudeau sobre as características do discurso político:

Le discours politique est, rappelons-le, constitutivement **un discours de persuasion et de séduction**, et l'acteur politique doit naviguer entre un discours à fort teneur symbolique porteur d'une idéalité de “bien vivre ensemble”, et un discours de fermeté pragmatique proposant les moyens de réaliser ce rêve. Cette double caractéristique du discours fait que, en politique, **le charisme**, selon les personnes et les circonstances, peut prendre diverses figures (Charaudeau, 2013: 114-115, sublinhados nossos).

E Charaudeau refere, a propósito de figuras carismáticas, várias formas: o carisma messiânico que convoca a legitimidade transcendental na singularidade de uma personalidade, referindo que é portadora do dom da graça, a que se refere Max Weber, sendo este dom uma força interior.

Como afirma Charaudeau “L'acteur politique se trouve investi de quelque chose qui est de l'ordre de l'inspiration, de la vocation, du devoir kantien (‘fais ce que tu dois’), au risque de la transgression d'un ordre établi. [...]” (2013: 115).

Este carisma messiânico corresponde a um *ethos* de poder, dado que a pessoa se move por uma energia fora de comum que vem das profundezas do seu ser: é uma força da natureza.

E a autoridade é um poder legítimo e suscetível de perpassar pelos argumentos e não imposta pela força, podendo ser suportada por três formas de legitimação: a dominação tradicional em que a legitimidade do poder decorre dos costumes e das tradições; a dominação carismática em que a legitimidade vem da autoridade do chefe; e a dominação legal e burocrática que é instituída pelo respeito da lei ou pela mediação de agentes da justiça. (*vide* Angenot, 2013: 8).

Esta autoridade carismática (a que Max Weber alude), a admiração e a confiança são suportadas pela eloquência que é um fenómeno já descrito por Cícero que insistiu no papel decisivo do *ethos* do orador: *Vir bonus dicendi peritus* (um homem de bem, hábil, com talento no discurso), construindo uma imagem que inspira confiança. (Angenot, 2013: 17)

Les orateurs romains, Cicéron, Quintilien et autres, ont insisté sur le rôle décisif de l'éthos, sur la crédibilité du *uir bonus dicendi peritus*, de l'“homme de bien qui a du talent pour parler”, sur la mise en scène à laquelle il doit se prêter de son bon

caractère, destinée à inspirer confiance et à asseoir son autorité. Ruth Amossy de nos jours a réétudié et modernisé l'éthos dans son subtil essai sur L'image de soi dans le discours: la construction de l'éthos. Il faut que ces qualités soient rendues manifestes, que l'orateur en discourant prenne soin de son "image" (Angenot, 2013: 68).

Estes parecem ser os atributos do atual Presidente da República e ao analisarmos um dos seus discursos ensaiaremos provar essa construção discursiva.

2. REVISITANDO A NOÇÃO DE *ETHOS* DISCURSIVO E RETÓRICO

Não passaremos em revista os diferentes teorizadores que, nas últimas décadas, no campo das ciências da linguagem têm abordado o conceito de *ethos*, pois várias são as sínteses que já foram feitas, em que são traçados amplos e rigorosos panoramas da evolução do conceito, entre as quais me permito destacar a de Ruth Amossy ("La notion d'éthos: de la rhétorique à l'analyse du discours", a inaugurar a obra coletiva que dirigiu *Images de soi dans le discours. La construction de l'éthos* (1999), ou ainda o estudo de Reindert Dhondt e Beatrijs Vanacker ("*Ethos*: pour une mise au point conceptuelle et méthodologique"), publicado na revista *CONTEXTES* 2013 e, naturalmente, as realizadas em português por Maria Aldina Marques, Rosalice Pinto, Norma Discini, Alexandra Guedes Pinto e Sara Pita.

Apropriar-nos-emos de algumas ideias que nos parecem adequadas para análise que desenvolvemos.

Em primeiro lugar, a concepção aristotélica fundadora de todas as abordagens subsequentes, que evidencia o poder da retórica, da prática oratória, como prática de influência, não somente nos debates filosóficos ou nos tribunais, mas no espaço público em que é necessário convencer e persuadir, mostrando que para cumprir esse objetivo é preciso entender quais as crenças e os valores da comunidade, perceber o que para essa comunidade é persuasivo e não necessariamente aquilo em que o indivíduo acreditava ou defendia (Aristóteles, 1998: 32-33).

James Baumlin, na introdução da sua recolha *Ethos: New Essays in Rhetorical and Critical theory* (1994), evidencia que na Retórica aristotélica se privilegia a construção discursiva do *ethos* do orador (a imagem, a representação do caráter), em detrimento do orador como fonte pré-existente.

Adotaremos aqui não a concepção aristotélica, mas a perelmaniana do conceito. No *Tratado da argumentação: La Nouvelle Rhétorique* (1958) Chaïm

Perelman et Lucie Olbrechts-Tyteca instauram a teoria da nova argumentação e privilegiam sobretudo um olhar sobre a maneira consciente pela qual o orador orienta o seu discurso perante o seu auditório, introduzindo a noção de “*ethos* retórico”, que se serve “des moyens verbaux qui permettent de susciter l’adhésion des esprits” (Amossy, 1999: 39), mostrando que esta nova abordagem privilegia os valores partilhados, a *doxa* para que ocorra o sucesso da interação verbal. Concomitantemente, esta abordagem recupera a ideia de um *ethos préalable*, que considera a reputação do locutor construída a partir de factos ou discursos anteriores ao discurso. Este conceito, ausente do pensamento aristotélico, de *ethos* pré-estabelecido (Amossy) ou pré-discursivo (Maingueneau), em que este último autor explicita que o *ethos* se efetiva pela combinação entre o *ethos* pré-discursivo, isto é, as inferências criadas pelo auditório, relativamente à imagem do locutor, e o *ethos* discursivo (Vide Pita, 2016: 42)

Transcendendo a retórica clássica, Maingueneau (2005: 69-92) considera, inspirado certamente pelo pensamento clássico aristotélico, que os traços do carácter orador configuram uma estratégia ao serviço da persuasão e recorda-nos que o *ethos* está ligado à enunciação e não a um saber extradiscursivo sobre o enunciador, e revisita a observação de Barthes (1966: 212) sobre essa questão:

L’éthos ce sont les traits de caractère que l’orateur doit montrer à l’auditoire (peut importe sa sincérité) pour faire bonne impression (Barthes, 1966: 212).

E esta ideia surge reiterada em Maingueneau que insiste que “l’*éthos* ne se dit pas explicitement mais qu’il se montre” (Maingueneau, 1993: 122).

Ce que l’orateur prétend être, il le donne à entendre et à voir: il ne dit pas qu’il est simple ou honnête, il le montre à sa manière de s’exprimer. *L’éthos* est ainsi attaché à l’exercice de la parole, au rôle que correspond à son discours, et non à l’individu réel, indépendamment de sa prestation oratoire: c’est donc le sujet d’*énonciation* en tant qu’il est en train d’*énoncer* qui est ici en jeu (Maingueneau, 1993: 138 *apud* Amossy, 1999: 33)

Importa, por fim, a propósito de *ethos*, convocar algumas máximas de Charaudeau com as quais nos identificamos:

Il n’y a pas d’acte de langage qui ne passe par la construction d’une image de soi (2014: 66)

L'*éthos* politique doit plonger dans les imaginaires populaires les plus largement partagés, puisqu'il doit atteindre le plus grand nombre, au nom d'une sorte de contrat de reconnaissance implicite (2014: 104).

L'*éthos* est comme un miroir dans lequel se reflètent les désirs des uns et des autres (2014: 67).

Face às diferentes categorias e subcategorias criadas por Charaudeau (*ethos* de credibilidade e de identificação), e comungando da dificuldade que o autor confessa de descrever e classificar os diferentes tipos de imagens que caracterizam o *ethos* de identificação (“Tenter de décrire et de classer les types d’images qui caractérisent l’*éthos* d’identification est une affaire délicate” (2014: 105)), subscrevemos e confirmamos a ideia segundo a qual os homens políticos jogam e atuam em valores opostos, ou seja, contraditórios: determinado homem político quer dar uma imagem de pessoa da tradição, mas também da modernidade; sincero, mas também esperto; poderoso, mas simultaneamente modesto.

Às subcategorias elencadas por Charaudeau, acrescentaremos outra subcategoria que engloba outros *ethè* do Presidente da República portuguesa da atualidade e que comprovadamente estão ao serviço da construção de uma imagem idiossincrática: trata-se dos ***ethè* de autenticidade e de proximidade** que são construídos convocando factos autobiográficos para ilustrar, não apenas a sua postura de humanidade, de competência e de solidariedade, mas sobretudo, para criar essa confinidade, tal como demonstrámos em texto anterior (“Os discursos presidenciais espontâneos: o *ethos* de autenticidade em momentos de consternação nacional”, com Maria Aldina Marques, no prelo).

Esta construção está, de resto ao serviço da construção da imagem do “presidente de afetos”, por que é conhecido, mostrando no seu discurso e nas respostas aos jornalistas o discurso marcado pelas emoções, neste caso, as emoções positivas da celebração do segundo aniversário do mandato.

3. O DISCURSO E A INTERAÇÃO SUBSEQUENTE COM OS JORNALISTAS

O atual Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, apresentou, no dia 9 de março de 2018, o livro *Dois anos depois: Júbilo e Tragédia*, que ilustra com imagens de fotojornalistas e dos seus fotógrafos oficiais o segundo ano do seu mandato. O livro é, pois, apresentado, num momento de comemoração.

O livro inclui, de um lado, fotografias a preto e branco dos incêndios de 2017 e, do outro, fotografias a cores de momentos como a visita do Papa Francisco a Fátima, e, ainda, de encontros com pessoas sem-abrigo e visitas a escolas.

“Aqui deixo estas páginas para que não fique esquecido **o que de bom**, mas também **o que de dramático** testemunhámos nestes últimos doze meses”, afirmou Marcelo Rebelo de Sousa, numa cerimónia de lançamento realizada na Sala de Jantar do Palácio de Belém, no dia em que cumpriu dois anos de mandato.

O Presidente da República explicou que o livro sobre o seu segundo ano em funções junta “o preto e branco da tragédia dos incêndios” e “as cores de júbilo” dos “êxitos coletivos” do país, estas últimas da autoria dos fotógrafos da Presidência da República Rui Ochôa e Miguel Figueiredo Lopes.

Na obra lançada, figura “algum texto, apenas das intervenções mais marcantes” dos últimos doze meses, entre as quais declarações ao país sobre os incêndios, os discursos do 25 de abril e do 05 de outubro e a mensagem de Ano Novo.

No título da obra e no discurso poderemos comprovar esta insistência na construção binária e dicotómica que, de resto, está na génese do nosso pensamento e da nossa avaliação quotidiana constante: o preto/o branco; o júbilo e a tragédia; o que de bom / o que de dramático; os sucessos e as dificuldades; o afeto/ a análise serena. Após o discurso de lançamento do livro que o Presidente leu pausadamente (tendo feito uns apartes, sobretudo de agradecimento) que demorou de oito minutos e sessenta segundos, seguiram-se questões, tendo as respostas do Presidente ocupado mais trinta minutos¹.

4. ANÁLISE

4.1. ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS AO SERVIÇO DA CONSTRUÇÃO DO *ETHÈ* DE AUTORIDADE E DE PROXIMIDADE

4.1.1. *Atos expressivos e atos compromissivos*

Os agradecimentos são atos ilocutórios expressivos que são considerados, na sua abordagem, como atos de natureza ritual, determinados por convenções sociais, que decorrem da tradição, quer das comunidades, quer das instituições. Para Searle “agradecer é simplesmente expressar gratidão” (1981: 89).

São categorizados na taxionomia de Searle como atos expressivos, dado que exprimem o estado de alma, o estado psicológico do locutor face a um estado de coisas, visando, naturalmente equilibrar as relações sociais. Todavia, como

1. VIDE: <http://www.presidencia.pt/?idc=10&idi=143900&idl=2>

Gouveia muito bem assinala “esta convencionalidade é visível em atos em que o locutor exprime um estado psicológico que não corresponde, no grau exato, ao estado que o locutor pressupõe na realização do seu ato (Gouveia, 1996: 398).

Mostraremos, na análise, que o Presidente não faz uso do ato, no respeito por essa convencionalidade, pois é bem patente a construção desse envolvimento e da proximidade.

Realce-se que o produtor do ato de agradecimento, ao formulá-lo, assume um posicionamento de inferioridade ou submissão em relação ao(s) interlocutore(s). Quem agradece pratica um ato de valorização da face (*Face Flattering Act*) e, neste caso, assistimos, quer no discurso presidencial, quer na interação com os jornalistas, à assunção por parte do Presidente da República, figura cimeira da nação, deste posicionamento de humildade e de quase reverência perante os portugueses.

No discurso oficial de oito minutos predomina inequivocamente o ato de agradecimento. O Presidente agradece quer em apartes, que intercala nos minutos iniciais de apresentação da capa do livro, quer no meio da conversa com os jornalistas, quer no final, repetidamente.

Perante alguns dos fotógrafos que cederam imagens dos fogos que mataram mais de cem pessoas no ano anterior, o chefe de Estado agradeceu-lhes:

(1) *Queria agradecer de forma muito especial aos fotógrafos que cederam as suas fotografias para inserção nesta obra.*

Esse agradecimento é “especial” e é realçada a importância e singularidade dessas imagens terem sido selecionadas e escolhidas, recordando o seu comportamento ético e, lembrando que, quando visitou os lugares atingidos pelos incêndios, fez questão de não ir acompanhado por “nenhum tipo de apoio de filmagem ou de fotografia da Presidência da República”, pelo que nada possuía. Mostrando assim quão importante foi o contributo dos anónimos fotojornalistas para documentar, com verdade e autenticidade, os trágicos factos.

(2) *Como sabem eu fiz questão de não ir acompanhado por nenhum tipo de filmagem ou de fotografia da Presidência da República e, por isso, não tínhamos nada em arquivo [...]*

Ainda no início do discurso, agradece também “as cores do júbilo dos nossos êxitos coletivos” e, fazendo jus ao princípio da cortesia, explicita: “*as cores do júbilo dos **nossos** êxitos coletivos*”, neste uso que lhe é muito familiar, do plural inclusivo, fazendo-se sentir “um entre muitos portugueses”, construindo uma

autoimagem de humildade, construindo um *ethos* de proximidade, como atesta este outro uso, mais à frente no discurso: “[...] principalmente as sensações e as memórias de momentos que ficaram no **meu e no nosso** imaginário coletivo.”

Como seria expectável, no final do discurso, o Presidente reitera os agradecimentos, através de um agradecimento ao coletivo, ao povo. E este ato de agradecimento é enunciado de forma completa, e explicitado, de novo, pedagogicamente, como se o Presidente estivesse na sala de aula a explicar quem agradece, a quem e o quê, terminando naturalmente com o “trabalho de casa”, a expressão de um ato compromissivo construído mais uma vez de forma binária:

Destinatário do agradecimento:

(3) A minha última palavra é para os Portugueses: para lhes agradecer.

O agente do agradecimento que se subdivide em duas formas, sendo notório que o Presidente não abdica da sua individualidade, dizendo primeiramente o seu nome de cidadão, e só depois a função, e especificando:

(4) Quem agradece é naturalmente o cidadão Marcelo Rebelo de Sousa, é o Presidente da República, mas é quem representa Portugal. (7:06)

Seguidamente: o conteúdo

(5) Eu queria agradecer-lhes o que têm dado a Portugal ao longo destes anos nos momentos bons e nos momentos difíceis, porque estes têm sido, apesar de tudo, melhores para uns do que para outros.

Queria agradecer.

Conto com eles para o ano que está a começar. Assim, como podem contar comigo ao serviço de Portugal, porque estamos todos ao serviço de Portugal [...]

Reiterando o agradecimento aos magníficos profissionais do fotojornalismo, estou à vossa disposição para responder às questões sobre o passado e o futuro próximo. (8:50)

Como anteriormente referimos, o ato de agradecimento é indissociável de uma atitude de modéstia, mas é importante notar que o enunciador recorre à modalidade epistémica de certeza, a um tom assertivo que marca não só a

responsabilização do locutor face àquilo que diz, mas sobretudo a crença de em conjunto, com o coletivo dos portugueses, poder continuar a servir Portugal. E atente-se na construção anafórica, por um lado e paralelística por outro “conto com eles... / podem contar comigo”.

4.1.2. *Procedimentos retórico-argumentativos*

Os procedimentos retórico-argumentativos estão duplamente ao serviço da construção do *ethos* de proximidade: por um lado, preparam os interlocutores (neste caso, sobretudo jornalistas e fotojornalistas) para que acompanhem positivamente a argumentação desenvolvida, sensibilizando-os para essa atitude, estando o Presidente sempre investido de uma atitude pedagógica, herdeira das suas funções profissionais anteriores (professor universitário). Estes procedimentos retórico-argumentativos não devem, pois, ser interpretados como mecanismos que embelezam o discurso, pois exercem um papel crucial na construção da autenticidade e da proximidade, na medida em que impressionam e se colocam, também, como condensadores de determinados valores que subjazem ao discurso argumentativo.

4.1.3. *Estrutura paralelística*

Quer o discurso oficial, quer as respostas aos jornalistas são recorrentemente construídos através desta estrutura paralelística, desta construção binária. Repare-se nas palavras inaugurais.

(6) *Terminou o segundo ano do meu mandato, um ano de júbilo e de tragédia. É aliás este o título do livro. Júbilo de um lado e tragédia do outro.*

(7) *O preto e o branco das tragédias dos incêndios [um aparte para outro agradecimento] mas também, do outro lado as cores dos júbilos dos nossos êxitos coletivos [...]*

(8) *Aqui deixo estas páginas o que de bom e de dramático testemunhámos nestes doze meses.*

(9) *Se a Europa correr muito bem, é uma coisa. Se correr mal é outra coisa.*

(10) *Um país que está muito desigual ... Os estudos recentes mostram isso. Há desigualdades. Não é só de género (homem-mulher; mulher, homem). Há desigualdades funcionais e desigualdades territoriais, regionais.*

(11) *Temos de continuar a crescer. Se não conseguirmos continuar a crescer é muito difícil corrigir essas desigualdades e é muito difícil mantermos o equilíbrio financeiro interno e externo.*

As sequências argumentativas dominam todo o discurso e sobretudo todas as respostas aos questionamentos dos jornalistas.

A construção frásica, marcada pelo paralelismo estrutural, o recurso a vocabulário semanticamente polarizado presente em alguns dos enunciados visa enfatizar o carácter antagónico dos conceitos, aumentando a expressividade do enunciado.

4.2. *ETHÈ* NA INTERAÇÃO COM OS JORNALISTAS

4.2.1. *Ethos de proximidade*

A construção do *ethos* é edificada quer através dos atos assertivos, em que o Presidente traça o retrato do que é e do que deseja continuar a ser, quer através de atos expressivos. E, nesta sua explicação, de novo, como se de uma aula se tratasse (repare-se que recorda até ao jornalista que já tinha referido este tema), sublinha o comportamento que considera dever ter, nessas funções. Note-se que não relembra os deveres oficiais, preconizados na Constituição, como era apanágio nas respostas do presidente, seu antecessor. Não enumera papéis a desempenhar. A construção discursiva é da ordem binária e dicotómica, mais uma vez, da razão/pensamento (“frio a pensar”, “medido nas declarações e no pensamento”) e da emoção, numa dualidade, em que se vinca e se releve a emoção, como transparece das escolhas lexicais a que anteriormente aludimos e que repete no seu discurso, seja oficial, seja nas múltiplas declarações do quotidiano: ***ser presente/ ser próximo/ ser o presidente dos afetos.***

(12) *O Presidente vai manter exatamente o mesmo tipo de comportamento que eu, aliás, já defini aqui, de forma muito rápida, que é, por um lado, **tem de ser frio a pensar**, tem que ser **medido nas declarações e medido no pensamento** e depois tem que ser muito presente, muito próximo das pessoas e muito próximo em termos afetivos. E esta conjugação tem de continuar a existir. O facto de o afeto estar presente*

e a proximidade não quer dizer que ao testemunhar esse afeto o Presidente deixe de ter uma análise muito calma e serena do que se passa e daquilo que é fundamental. E eu disse o que era fundamental. (9:21) (E o Presidente sistematiza de novo, a seguir, os desafios que anteriormente elencara).

A construção utilizada para rematar a sua ideia sobre o seu papel como Presidente na República enquanto Chefe de Estado, nestes dois anos e nos subsequentes, assenta numa construção igualmente binária original, em que, respondendo à pergunta-retórica, assume o seu *ethos* comprometido/militante bem patente, quer pela presença da modalidade epistémica de certeza e pela modalidade deontica, expressando o que se propõe fazer/lutar. Atente-se na repetição dos atos ilocutórios de pergunta, segue-se de imediato a resposta com repetição do segmento, com um objetivo de reiteração, de confirmação do propósito. Configuram, pois, um argumento fortíssimo para mostrar os desejos do Presidente da República e o compromisso para os alcançar, não sendo vã a utilização do verbo “lutar”, cujo semantismo remete para ação empenhada e implicada. De resto, como estratégia discursiva o par adjacente pergunta-resposta constitui um dos exemplos mais comuns na interação em sala de aula (Rodrigues, 1998: 129)

A repetição, por seu turno, serve também para focar a atenção “on the part of the other speaker’s discourse that the interlocutor now intends to address or expand of” (Schegloff, 1997; Tannen, 2007: 16).

Atente-se na síntese da sua resposta à jornalista:

(13) O Presidente da República no essencial não vai mudar o seu comportamento:

Quer estabilidade? Lutará pela estabilidade.

Quer governo até ao final da legislatura? Lutará pelo governo até ao final da legislatura.

Quer uma área de governo forte? Lutará por uma área de governo forte.

Quer oposições fortes? Lutará por oposições fortes.

Quer prestígio das instituições? Lutará pelo prestígio das instituições.

Quer mais crescimento, quer mais igualdade onde há desigualdades? Lutará por isso.

É a sua função. (13:50)

4.2.2. Ethos de autoridade

Esta figura de chefe soberano (no sentido que é descrito por Charaudeau (2014: 120 e seguintes) mostra como o Presidente constrói um *ethos* que espelha uma posição de garante dos valores que enuncia, confundindo-se com esses valores.

O Presidente recorre a duas estratégias discursivas distintas, mas complementares. Por um lado, ao encarnar o seu anterior papel de professor universitário, transmite o conhecimento (equivalente a dar a lição), resume-a, repete-a, coloca questões a que ele próprio responde, fazendo questão de enunciar as ações pedagógicas construtivas que põe em prática, no sentido do envolvimento coletivo. Evidencia, assim, a sua autoridade, por um lado, comprovando o seu saber, mas, numa atitude constante de partilha, de construção com todos. E fá-lo através de verbos de ação. Positivos: *acompanhar*, *empenhar-se* e assinando atitudes igualmente positivas.

Atente-se nas seguintes passagens:

(14) *Não é por acaso que eu falei das lições que retiramos do ano anterior.* (15:37)

(15) [...] *Tenho vindo a acompanhar e não só acompanhar, tenho vindo a empenhar-me e vou continuar a empenhar-me ainda mais no terreno, neste mês de março e de abril) em ações que são ações pedagógicas (em que se tem empenhado também o governo e se tem empenhado a as autarquias de proximidade em relação às pessoas, na limpeza dos terrenos, nas ações formativas [...] e aí há uma diferença, de facto, há uma mudança de mentalidade. Nós estávamos, porventura, muitos de nós numa posição de inércia e estamos a passar, a uma atitude de pró-atividade, de antecipação, de prevenção e isso é positivo.* (18: 37)

Esta atitude pedagógica está continuamente presente no seu discurso e na sua interação com os outros, a ponto de constatar-mos que, perante um silêncio, sem que ninguém coloque questões, o Presidente insiste com os seus interlocutores e convida-os, expressando-se através de um ato ilocutório de convite elíptico (*Mais perguntas, aproveitem...*). Esta posição contrária, em absoluto, a da maioria das figuras no poder (políticos ou pessoas em posição hierarquicamente superior) que concedem pouco tempo para questionamento e, em geral, até fixam o número de questões a serem colocadas.

Como se pode comprovar, o Presidente, no fim de quase vinte minutos de diálogo com os jornalistas, instiga-os a colocarem mais perguntas, assumindo

esta postura de professor-facilitador do envolvimento na interação, explicando por que razão é este o momento ideal:

(16) Mais perguntas, aproveitem, porque como sabem não utilizo grandes mais questões de política conjuntural, e portanto já sabem que tanto no 25 de abril, no 10 de junho no 5 de outubro, falo de Portugal, de questões genéricas de Portugal, mas não falo da conjuntura. E esta é uma ocasião para perguntarem. Aproveitem... (24:00)

4.2.3. *Ethè de autoridade e de proximidade: narração autobiográfica*

Ao convocar factos da sua vida pessoal, da sua experiência profissional anterior, o locutor serve-se de estratégias argumentativas que estão concomitantemente ao serviço da construção simultânea dos dois tipos de *ethè* anteriormente enunciados. Se, por um lado, a experiência profissional é um argumento de autoridade, dado que serve para exemplificar o seu conhecimento, por outro, perante profissionais que hoje desempenham essa atividade profissional, evidencia essa cumplicidade, essa proximidade, sublinhando que já foi um igual a eles, já desempenhou essas funções, já esteve naquele mesmo papel.

Vejam-se alguns exemplos dessa incursão autobiográfica, evidenciando-se o presente da narração, pois o sujeito enunciadador assume-se, ainda hoje, como professor de direito, em contraste como passado, em que desempenhou funções de autarca, de jornalista e de diretor de um jornal semanal, como veremos adiante nos exemplos:

*(17) **Eu sou professor de direito** e sei que é muitas vezes tentador pensar que se resolve os problemas com leis. Aprovam-se as leis, está resolvido. O país mudou? Não necessariamente. Como vemos com a igualdade de homem e mulher. Há muitas leis, mas depois a igualdade de facto não existe. Demora tempo a pôr no terreno um processo de descentralização. (26:07)*

*(18) **Eu fui autarca** e, portanto eu sei exatamente o que é ser-se autarca, e que há poderes que é preciso ter para resolver com proximidade os problemas das populações, problemas que é preciso saber resolver com proximidade... (27: 00)*

(19) É um processo gradual, sensato e realista e positivo. Às vezes apetece imenso ter proclamações maximalistas e querer mudar o mundo num só instante através

de diplomas legais. A minha experiência mostra que é preferível ter processos gradualistas e eficazes. (28: 44)

O Presidente da República serve-se ainda do **humor** para justificar o toque do seu telemóvel que se encontra perdido no bolso, construindo, assim, um ambiente de cumplicidade e de proximidade com os jornalistas presentes, representantes de diferentes órgãos de informação. Duas vezes interrompe o diálogo para olhar para o telemóvel e reconhecer a identidade de quem lhe estava a ligar e, com ironia, remata:

(20) Foi um órgão de informação que se atrasou!!!!

A construção de um *ethos* de autoridade está patente na assertividade dos seus enunciados, na convicção que lhes subjaz, mas manifestamente o que predomina é um *ethos* de proximidade, carismático.

Retomando Charaudeau (2013: 117), é este carisma “césariste” que corresponde a um *ethos* de poder.

Puissance de l’individu qui est mû par une énergie hors du commun qui lui vient des profondeurs de son être: il est, comme on dit, une force de la nature”. Cet éthos de puissance peut s’exprimer à travers différentes figures [...] figure d’énergie qui se manifeste par une hyperactivité: être omniprésent, sur tous les fronts, de façon organisée. (2013: 11).

Perante uma pergunta incisiva de uma jornalista: “O seu otimismo continua com o mesmo nível ou está mais moderado?” (31:20), volta a definir-se e a identificar-se com os valores positivos por que é conhecido, evidenciando, de novo, o equilíbrio já anteriormente aludido entre a razão e a emoção e criando essa proximidade, numa mensagem de identificação com o povo, de elogio ao povo: “Acredito nos portugueses e os portugueses surpreendem-me bem”.

Neste momento do diálogo, destaque-se a forma “**contaminei**”, que tem subjacente esta evidência da proximidade, por um lado, e, por outro, o êxito dessa transmissão de valores positivos que se orgulha de partilhar.

(21) Eu sou sempre otimista realista. E, portanto, sou sempre otimista e realista. Sou otimista, por maneira de ser e porque acredito nos portugueses e porque os portugueses surpreendem-me sempre bem. São sempre melhores do que aquilo que os outros, aqueles que não nos conhecem bem, pensam.

*Sou realista, gosto de baixar expectativas e vejo, com alegria, que já **contaminei** alguns otimistas que eu achava um bocadinho menos realistas.*

*Mantenho igualmente realista otimista ou otimista realista, tanto faz.
(34.00)*

Quando questionado por uma jornalista (36: 46) sobre a sua popularidade e a forma como reage a críticas, de novo convoca aspetos da sua vida profissional, relembrando que também já foi comentador (durante anos no programa televisivo) e, como tal era quotidianamente alvo de crítica.

*(22) Mas o que é a coisa mais natural em democracia é que haja críticas. **Passei a minha vida como comentador a criticar, seria estranho que como PR eu me melindrasse quando os outros me criticam como eu critiquei os outros.***

Agora, pois, quanto à substância eu teria que responder ponto a ponto como é que vejo. Houve críticas iniciais sobre uma extroversão excessiva: o PR aparecia demais, falava demais, estava presente demais.

As pessoas já começaram a compreender que a presença onde ela existiu foi intencional, tinha a ver com a proximidade, que decorre da maneira de ser do Presidente e da situação vivida pelo país.

Depois, quem me acompanha sabe, que o facto de intervir muito não quer dizer que não seja tudo pensado.

É uma intervenção com funções preventivas. Quando percebo que há realidades que precisam de ser explicadas ... mais vale não deixar que não se convertam numa bola de neve, e intervir rapidamente. (37:01)

(23) Foi aquilo que se chamou descrisar. (39:30)

(24) Em momentos críticos, fui se quiserem fui um pouco mais incisivo...

***O presidente é o fusível de segurança do sistema** (40:49)*

Esta identificação do Presidente com o povo, esta proximidade a que alude evidencia o sentimento de pertença que une os membros de uma comunidade, no sentido a que se refere Plantin (2008: 119), este sentimento de “se sentir avec lui”, na medida em que partilha com o auditório o mesmo universo de esperança, os mesmos desejos, as mesmas crenças.

E esta especificidade não foi descurada pelo Presidente que, no *terminus* das questões, convoca, de novo, aspetos autobiográficos, para construir a

relação com os fotojornalistas presentes na sala. Esta identificação profissional, recordando quando foi jornalista e diretor de um jornal, está ao serviço da construção do tal “sentiment d’appartenance” e, mais do que isso, Marcelo Rebelo de Sousa tece um elogio quer no início quer no final desta intervenção, reforçando a força argumentativa do ato. E esse elogio aos fotojornalistas é realizado de uma forma elegante, respeitando o Princípio da Cortesia, pela formulação “deixem-me fazer”, pedindo permissão:

(25) Termino como comecei: deixem-me fazer um elogio do fotojornalismo.
Eu sou de um tempo em que ser fotojornalista era ser-se herói.

Recorre de novo à história biográfica, à narração de factos passados da sua vida profissional, agora como jornalista (anteriormente como professor de Direito e como autarca) para recordar como era, e para ensinar:

(26) *Eu comecei nos anos 60 como colaborador e com responsabilidade nos anos 70 e, nesse tempo, o fotojornalista não era considerado e colocar imagens numa capa de jornais, era uma luta, uma guerra para dar à imagem o mesmo que o texto tinha. É verdade que estávamos nos anos 60 e estávamos a dar passos tímidos e limitados. [...]*

Neste passo da sua resposta, o cunho autobiográfico é muito forte, como atestam as formas de primeira pessoa e sobretudo o esclarecimento intercalar em que reforça justamente essa dupla condição: a de cidadão, portanto ser individual e não como Presidente da República e a evocação que é sinónimo do relato pessoal de vivências, que é um dos seus argumentos de autoridade.

(27) *Eu contra mim falo, mas lembro como responsável nessa altura – isto é mais evocativo e de cidadão - ocupar com parangonas escolher uma imagem, grande luta com os grafistas e depois descobriu-se o óbvio: como uma imagem tem um peso brutal e depois surgiram gerações que vieram transformar por completo a imprensa portuguesa. [...]*

No discurso, podemos descortinar igualmente um ato sub-reptício de crítica, pois ao justificar a escolha das imagens como preponderantes para este livro de celebração, o locutor critica o trabalho dos presidentes seus antecessores considerando-o desprovido de interesse. Esta crítica esconde-se no adjetivo ‘subliminar’ e no advérbio correspondente ‘subliminarmente’ usados de forma

muito próxima e que remetem para uma certa forma de inconsciência, que atenua o ato de crítica aos anteriores presidentes e, por outro lado, reforça a inovação que quer incutir. Não retoma discursos, não fica confinado ao seu “eu” e à sua produção discursiva oficial. Ao invés, ao convocar fotografias quer dos seus fotógrafos profissionais, quer de anónimos homenageia o(s) outro(s), espelha, assim, a sua forma altruísta e generosa, construindo a proximidade.

(28) De alguma maneira, isto é subliminar, só agora é que estou a racionalizar aquando escolhi fazer no livro do primeiro mandato, escolher um caminho completamente diferente dos meus antecessores que pegavam nos seus discursos, os reproduziam praticamente todos e faziam uma análise do que tinha sido o ano. Eu acho que a análise é para os outros (uma autojustificação em cima da hora, muito quente, não distanciada) e, por outro lado, subliminarmente talvez tenha prestado uma homenagem à imagem, pois foi uma ideia que eu tive, foi escolher imagens, sobretudo imagens e depois os discursos fundamentais: os que tinha escritos ou de improviso.

(29) [...] Nesse sentido, é **um elogio** que eu faço ao vosso papel através desta escolha e deste livro.

(30) Depois um ponto para o qual vale a pena chamar a atenção, porque às vezes passa despercebido. Temos de estar atentos às nossas instituições...Todas. Não é apenas o poder político, o poder político nacional ou o poder político local. Muito importante. Mas é tudo o resto. É fundamental, é fundamental que haja prestígio nas organizações de solidariedade social, que haja prestígio no setor privado, que haja prestígio nos partidos políticos e nos parceiros sociais.

O pior que pode acontecer numa sociedade é, de repente, começar a haver uma sensação por parte dos governados de desconfiança metódica e crónica deles em relação àqueles que governam nos vários setores da sociedade. As pessoas deixam de confiar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo ensaiámos mostrar como se constrói a imagem de autoridade e de proximidade do atual Presidente da República Portuguesa através da análise quer do discurso oficial quer das respostas subsequentes aos jornalistas, no dia de comemoração do segundo aniversário do mandato presidencial e do lançamento do livro.

Em sintonia com Marques (2014) que afirma que os discursos presidenciais permitem descortinar posturas políticas, antever posicionamentos ideológicos e confirmar a construção da autoridade presidencial, consideramos que os discursos em análise evidenciam “o que de bom e de dramático” se passou, mas sobretudo apresentam os cinco desafios que o Presidente elenca para o futuro do país, assumindo-se pessoalmente como “fusível de segurança do sistema”.

Verificámos que o discurso é marcado pelo predomínio de sequências argumentativas que se constroem através quer de estruturas paralelísticas quer através da predominância de atos assertivos e expressivos.

Por outro lado, comprovámos, a partir dos vários excertos analisados, as diferentes teorias sobre *ethos* que se consideram fundamentais para análises discursivas e pragmáticas, reforçando que o conceito de *ethos* é consubstancial a toda e qualquer atividade verbal: “Dès qu’il y a énonciation, quelque chose de l’ordre de l’éthos se trouve libéré : à travers sa parole un locuteur active chez l’interprète la construction d’une certaine représentation de lui-même, mettant ainsi en péril sa maîtrise sur sa propre parole [...]”. (Maingueneau, 2013). Partilhamos igualmente o ponto de vista de Amossy (2014: 23): “L’éthos est un résultat obligé de l’énonciation (il est une dimension constitutive du discours)” e, comprovadamente, a construção do *ethos* positivo e de aproximação do Presidente está intrinsecamente ligado às suas escolhas enunciativas, às estratégias de proximidade afetiva que estabelece com o seu auditório, que são a expressão de uma empatia com o outro, que é continuamente acolhido, interpelado e mobilizado.

REFERÊNCIAS

- ABREU, A. S. (2002). *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*, 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial.
- AMOSSY, R. (1999). *Images de soi dans le discours. La construction de l'éthos*. Lausanne: Delachaux et Nistelé.
- AMOSSY, R. (2008). Dimension rationnelle et dimension affective de l'éthos. In Rinn, M. (Org), *Émotions et Discours. L'usage des passions dans la langue* (pp. 113-125). Rennes: Presses Universitaires de Rennes.
- AMOSSY, R. & Koren, R. (dir). (2009). *Argumentation et Analyse du Discours*, Revue électronique du groupe ADARR, volume 2 : “Rhétorique et Argumentation”, <http://aad.revues.org/>. In: *L'Information Grammaticale*, N. 124, 2010, pp. 56-57. Consultado em maio, 08, 2018. Em www.persee.fr/doc/igram_0222-9838_2010_num_124_1_4083_t10_0056_0000_2

- AMOSSY, R. (2014) L'éthos et ses doubles contemporains: perspectives disciplinaires. *Langage et Société*, 149, 13-30.
- ARISTÓTELES. (1998). *Retórica*. Lisboa: Imprensa Nacional–Casa da Moeda.
- AUSTIN, J. (2008). *How to do things with words*. Oxford: Clarendon Press.
- BARTHES, R. (1966). L'ancienne rhétorique. In *Communications*, 16, 202-215.
- BAUMLIN, J. S. (1994). Introduction: Positioning Ethos in Historical and Contemporary Theory. In Bauman, J. & Bauman, T. F. (Dir.), *Ethos. New Essays in Rhetorical and Critical Theory* (pp. i-xvi). Dallas: Southern Methodist University Press.
- CHARAUDEAU, P. (2005). *Le Discours Politique. Les Masques du Pouvoir*. Paris: Vuibert.
- CHARAUDEAU, P. (2009). Identité sociale et identité discursive. Un jeu de miroir fondateur de l'activité langagière In Charaudeau, P. (Org.). *Identités sociales et discursives du sujet parlant*. Paris: L'Harmattan. Consultado em maio, 08, 2018. Em <http://www.patrick-charaudeau.com/Identite-sociale-et-identite.html>.
- CHARAUDEAU, P. (2013). *La conquête du pouvoir. Opinion, persuasion, valeurs, les discours d'une nouvelle politique*. Paris: L'Harmattan.
- CHARAUDEAU, P. (2014). *Le discours politique: les masques du pouvoir*. Limoges: Lambert-Lucas.
- DANBLON, E. (2005). *La fonction persuasive. Anthropologie du discours rhétorique: origines et actualités*. Paris: Armand Colin.
- DHONDT, R. & Vanacker, B. (2013). *Ethos: pour une mise au point conceptuelle et méthodologique*. *CONTEXTES* 13. Consultado em julho, 03, 2018. <http://journals.openedition.org/contextes/5685>
- GUIMARÃES, E. (2011). *O ethos na argumentação*. Disponível em: <http://simelp.fflch.usp.br/sites/simelp.fflch.usp.br/files/inline-files/S4206.pdf> Acesso em outubro, 11, 2016
- MAINGUENEAU, D. (2002). Problème d'éthos. *Pratiques*, 113-114 (versão electrónica: L'éthos, de la rhétorique à l'analyse du discours). Disponível em: http://pagespersorange.fr/dominique.maingueneau/intro_company.html). Acesso em junho, 12, 2018.
- MAINGUENEAU, D. (2013). L'éthos: un articulateur. *CONTEXTES*, 13. Disponível em: <http://contextes.revues.org/5772>. Acesso em 20 de junho de 2018.
- MARQUES, M. A. (2004). Emotions and Argumentation in the Portuguese Parliament. In Ionescu-Ruxandoiu, L. (Org), *Parliamentary Discourses across Cultures* (pp. 117-132). Cambridge: Cambridge Scholars Publishing.
- MARQUES, M. A. (2014). *Palavra de Presidente: Construção da autoridade presidencial nos discursos de Abril*. *Forma breve* 11, 297-311.
- PLANTIN, C. (1996). *L'Argumentation*. Paris: Le Seuil.
- PLANTIN, C. Traverso, V. & Vosghanian, L. (2008). Parcours des émotions en interaction. In Rinn, M. (Ed.), *Emotions et discours* (pp. 141-162). Rennes: Presses Universitaires de Rennes.

PITA, S. (2016). *Ethos textual em intervenções políticas: estudo contrastivo de mensagens de final de ano portuguesas e brasileiras*. Tese de doutoramento em Linguística. Universidade Nova de Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

SEARLE, J. R. (1981). *Os actos de fala*. Coimbra: Almedina.

O poder primeiro das linguagens em uso é, na verdade, o poder de convocar o outro, mas só enquanto o próprio locutor se expõe a esse outro e aceita ser questionado ao questionar. Comunicar é então construir um “poder-em-comum” ou *concertado*, uma expressão que, de forma muito livre, retomamos de H. Arendt e que a pragmática discursiva valoriza como princípio regulador da interação. Interessados nas linguagens *do* poder, os vários autores colocaram no seu horizonte analisar as linguagens *de* poder, explorar diferentes linguagens, verbais e não-verbais. E todos os estudos, cada um a seu modo, concorrem para enfatizar a centralidade e a saliência dos discursos como práticas linguísticas e sociais próprias de diferentes esferas de atividade social, mas sempre linguagens para o(s) outro(s).